

## Osmar Gomes

Juiz de Direito da Comarca da Ilha de São Luís, membro das academias Ludovicense de Letras, Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras.



## Mais soluções, menos ternos e gravatas

Recentemente, a região da Amazônia Legal foi destaque nos holofotes regionais, nacionais e internacionais. Clima, meio ambiente, preservação, pesquisa, exploração, degradação, desmatamento. Todos esses são termos que estão no bojo da retórica do “protecionismo” ambiental.

São temáticas que funcionam muito, mas muito bem, dialeticamente, resultando em pactos e cartas aos moldes do velho ditado para “inglês ver”. Congressos, seminários, cúpulas e uma infinidade de outros encontros que me fazem lembrar acontecimentos como a Rio 92 e Acordo de Paris.

Encontros inócuos? Talvez, diria a natureza que sim. Desmatamento segue aumentando, temperatura sendo elevada, desertificação crescendo, calotas de gelo derretendo. A Terra grita!

Os efeitos de toda essa mudança seguem cada vez mais violentos, com furacões e tempestades mais frequentes. Ondas de calor contínuas e excesso de chuvas sem quaisquer precedentes noutras partes do globo.

Enquanto a natureza agoniza, burocratas seguem em suas vestes de linho, camisas e gravatas de seda, abotoadeiras folheadas a algum metal precioso que, ironicamente, fora extraído de áreas que agora dizem se reunir para tentar proteger.

Com o perdão do tom, este não é um discurso de ataque, quiçá direcionado. Mas falo como cidadão, dentro da boa essência política aristotélica, que espera resultados de um mundo cujo discurso tem sido fantástico. Como dizia um certo cantor de notas de escolas de samba... nota 10!

Por outro lado, na prática, estamos pobres de ações efetivamente resolutivas, soluções racionais que possam ser tiradas do papel. Discursos efusivos, conversa afinada, habilidades nas falas, dados, números, relatórios... ações concretas?

A natureza segue agonizando. As florestas nas mãos de desmatadores, exploradores e, agora, a Amazônia brasileira, na mira dos caçadores de ouro negro. Ah, que maravilha, se meio ambiente fosse de fato tão importante quanto são as cifras. Sinto que na maioria das vezes quem realmente deveria estar sentado nessas rodas de conversa, sequer tem espaço para participar como ouvintes. Decidem-se a política para índios, pecuaristas, pequeno criador, grande agricultor, pequeno agricultor, mas sem que estes participem do debate.

As botas sujas de lamas não são bem-vindas ao piso devidamente polido? As mãos calejadas não comportam uma delicada taça de cristal? A fala simples não encontra lugar na gramática rebuscada?

A mata tem vida. Índios, ribeirinhos, povos nativos. Cidades cresceram por dentro as matas e hoje são selvas de pedra. Política pública se faz “com” e não “para”. Mesmo no exercício da representatividade, é preciso buscar a compreensão do outro, a inteligência do outro, a experiência do outro. Buscar inserir no processo quem tem conhecimento de causa.

Mesmo que se resume a um par de botas sujas de lama ou em mãos calejadas da enxada, certamente essas características estão carregadas do anseio de participar, de contribuir e de efetivamente encontrar soluções para o cotidiano.

Nessas pessoas, ditas simples, é possível verificar algo que raramente é encontrado nas vestes de grifes ou no discurso ensaiado: o conhecimento de causa.

Enquanto a terra arde e a mata sucumbe, ajustam-se os nós das gravatas, ajustam a pose entre uma foto e outra, com o sorriso que será replicado em periódicos e uma infinidade de páginas virtuais.

Apenas para falar de Brasil, ao se olhar para a história, ficamos para trás de muitos países, mas destaque, pelo menos, dois como exemplo: a Índia, que acaba de conquistar a lua; e a Coreia do Sul, que zerou seu analfabetismo e está entre os mais desenvolvidos do mundo.

Seja em terra de Vera Cruz ou para além-fronteiras, os problemas mundiais comuns a todos já passaram da hora de serem tratados como realmente deveriam. É hora de falar de futuro, mas de corrigir rumos no presente.

## O comércio no Rio de Janeiro do Século XIX

EDUARDO TROPÍIA

PEDRO HENRIQUE MIRANDA FONSECA

O comércio constituía a principal atividade econômica da cidade. Além de capital política do país, era do comércio que o Rio de Janeiro vivia e a sua esplêndida situação geográfica facilitava muito essa atividade, que parecia ser a sua vocação. Aliás este atributo fez com que fosse o porto natural para exportar o ouro das Gerais, fato que, ao lado da questão de limites ao sul da Colônia, foi determinante para a transferência da capital de Salvador para cá e, cidade que até então não tinha grande peso econômico, assumiu importância relevante como escoadouro natural dos produtos das minas, tanto que podemos afirmar: O Rio de Janeiro é um produto das minas. O francês Charles Ribeyrolles (1859) resume bem esses atributos da cidade “Mas, o Rio, ao que se afirma, vive do comércio e pode repousar em seus generosos destinos de cidade-entrepoteo capital.

Luccock (1808), que era do ramo, descreveu o comércio varejista e atacadista que ele testemunhou durante os dez anos que morou aqui “... as lojas varejistas se limitam ao coração da cidade, sendo que a maior parte delas a uma rua só, a rua da Quitanda... Os armazéns atacadistas eram em geral constituídos por galpões longos e abertos, prolongando-se até muito para trás das ruas. Pelo que podemos observar, continham pouquíssimos gêneros de qualquer qualidade que fosse destinado ao consumo do país, estando repletos, porém, de produtos de exportação...” O comércio atacadista estava, principalmente, nas mãos dos portugueses. E continua o viajante “Ao passarmos pelas ruas observamos às portas de cada loja bancos compridos que, durante o dia, ficam cobertos de mercadorias, servindo de uma espécie de vitrine; à tarde transformavam-se em assentos de pessoas que ficavam a jogar gamão sobre as tábuas chatas e grossas.” Era o jogo preenchendo o ócio quando não havia fregueses.

Mawe (1808), também comerciante, destaca a qualidade de empório da cidade, principalmente das províncias de Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso e Paraná e refere-se às importações e exportações “As importações do Rio da Prata e do Rio Grande de São Pedro compreendem quantidades imensas de carne, farinha (de trigo), couro e trigo. As dos Estados Unidos, principalmente provisões salgadas (não especifica quais), farinha, mobília, peixe e alcatrão.” Ainda segundo este viajante, da Costa Oriental africana era importado cera, óleo de dendê, enxofre e algumas madeiras; da mãe-pátria vinho e azeite; da Suécia importavam, ocasionalmente ferro, pois o preferido era o inglês. Quanto às exportações compreendiam, acima de tudo, produtos coloniais: açúcar, algodão, aguardente, madeiras para a construção naval e de marcenaria, peles, banhas e anil.

Spix e Martius (1817) destacam o intercâmbio comercial com o Oriente que, segundo eles, tornou-se considerável após a chegada do rei Dom João VI. De Macau vinham musselinhas finas, tecidos estampados, porcelanas, sedas, chás, tinta nanquim, canela, pimenta e cânfora. A proximidade do porto do Rio com a Índia e a China, que constituía o grande elo de união entre o Ocidente e o Oriente, e favorecia o comércio, somente foi quebrada com a abertura do canal de Suez (1869) e do Panamá, este já no século XX (1914). Segundo estes viajantes a riqueza do Rio de Janeiro era fundamentada na exportação dos produtos produzidos no país para a Europa e na distribuição para o resto do país de produtos europeus.

O reverendo Robert Walsh (1828) passeando

pela Rua dos Pescadores (atual Visconde de Inhaúma) após almoçar com um amigo britânico residente nessa artéria, notou que as lojas aí situadas vendiam “... todos os tipos de mercadorias europeias, principalmente de Manchester, como louças, xales, algodão e chita de vistosas cores, casimiras, sedas, chapéus, botas, sapatos e meias; tudo pendendo em frente à loja. As portas e janelas eram cobertas com ricos tecidos. Segundo este viajante a quantidade e o estoque desses artigos eram tão grandes, que eram vendidos aqui mais baratos do que em Cheapside.

O pastor norte-americano Kidder (1837) nos dá notícias do comércio ambulante “Os vendedores ambulantes passam constantemente pelas ruas apregoando em altas vozes a natureza e a excelência de suas mercadorias ou emitindo alguns sons indeterminados, apenas para atrair a atenção do público. Quem quisesse comprar alguma coisa, tem apenas que chamá-los com um “psiu”; sinal que todos compreendem como sendo um convite para entrar e exibir seu estoque.” Segundo este viajante a grande maioria das mercadorias eram vendidas dessa maneira e os escravizados mais espertos e de melhor aparência, de ambos os sexos, eram os escolhidos para essa tarefa. Confiava-se a eles joias e fazendas, que, não raro, revelavam grande tino comercial.

Thomas Ewbank (1846) destaca o comércio da Rua dos Ourives (atual Miguel Couto), onde se encontrava amuletos, joalheria, paliteiros, esporas e ornamentos de igrejas. Aqui se encontra a razão do nome da rua, pois nela se concentrava os artesãos da ourivesaria. Outra que descreve o comércio ambulante é a alemã Ina von Binzer (1881) “Muitas vezes a calçada acha-se invadida pelos pretos, pretas e mulatas, com seus tabuleiros e cestas, vendendo laranjas, bananas, cocos, figos e mais outras quinilharias.” Segundo ela a impressão de exotismo conseguia atrair o comprador europeu, que, no entanto, era afugentado, ao olhar com mais atenção o ambiente das barracas, onde abundavam cascas de laranja, fósforo, papel, pontas de cigarros e outras miudezas que disputavam o primeiro lugar com a barra da saia da vendedora, que os varria de um lado para outro. Cena ainda bastante atual na cidade nos dias atuais. Mais um exemplo da longa duração braudeliiana. Quanto aos artigos oferecidos no comércio, comenta a viajante “... o que se compra quase sem exceção é mercadoria europeia ... tecidos, sapatos, roupas brancas, artigos de lã, móveis, aparelho de iluminação, baterias de cozinha, livros, tudo, até papel e alfinete vêm da Europa.”

O inglês Henry Chamberlain (1819) também descreve o comércio ambulante na cidade destacando a sua frequência, o hábito de baterem de porta em porta, percorrerem os arredores da cidade apregoando suas mercadorias, sempre acompanhados de escravizados, que carregavam os vários artigos à venda.

Koseritz (1883) descreve o comércio varejista, cuja melhor parte, se concentrava nas ruas estreitas e sombrias do centro da cidade “... vitrines brilhantes mostram os produtos da indústria europeia e inúmeros artigos de luxo são nela expostos. As grandes casas de modas, como a “Notre Dame de Paris” ou o “Grande Mágico” podem concorrer com as melhores de Paris e de Berlim; as joalherias transbordam de ouro, prata e pedras preciosas. Livrarias e casas de objetos de arte chamam a atenção pelas suas edições de luxo ...; enfim por mais estreita e escura que seja a velha rua, as lojas são brilhantes pelo conteúdo e pela apresentação.”

A loja “Ao Grande Mágico” foi fundada por F. Rodde e situava-se na Rua do Ouvidor número



107. Oferecia aparelhos elétricos; telefones; matérias ópticos; perfumarias francesas e inglesas; especialidades farmacêuticas francesas, inglesas e americanas e sanguessugas hamburguesas. (ALMANACK LAEMMERT para o ano de 1881, páginas 908, 909). A loja “Notre Dame de Paris” situada também na Rua do Ouvidor números 150, 152 e 154, foi fundada pelo francês Noel Décap em 1848, especializando-se em fazendas e armários. Tornou-se a casa de modas mais chic da cidade, ponto alto do luxo, vendia cambraias finas, linho, sedas, veludos, bordados, etc., tudo importado da Europa. Deixou-nos Koseritz uma descrição detalhada da casa “... ocupa um edifício imponente, na ponta superior da Rua do Ouvidor, e tem também uma entrada pelo Largo de São Francisco. Todo o prédio, com as suas dez imensas vitrines é construído de mármore negro e arranjado com um luxo que não parece sul-americano. A ornamentação do edifício até ao alto, a composição que coroa o conjunto, é realizado em excelente trabalho de estatutária ... A exposição nas vitrines de enormes proporções e forradas de espelhos é qualquer coisa de brilhante. O principal efeito não é de variedade ou de desordem sem gosto, de imensa exibição. Cada vitrine corresponde a uma das dez secções do negócio e contem grande massa de amostras dos artigos respectivos. (...) É um negócio gigantesco no qual se encontra tudo o que diz respeito à especialidade, isto é, a tecidos e objetos de uso para homens e senhoras ... Naturalmente todo o arranjo e todo o sistema comercial é de estilo europeu.” O viajante arremata a descrição da loja confessando que esta era uma das atrações do Rio ao qual lhe despertou muito interesse. Bem se nota o deslumbramento do alemão com este estabelecimento do senhor Noel Décap. Descreve também uma joalheria, que visitou, na rua dos Ourives (atual Miguel Couto) de propriedade de Luiz de Resende “... construída em mármore negro e também povoada de enormes vitrines, nas quais brilham e faíscam mercadorias diferentes das de “Notre Dame de Paris”...” Nesta loja havia uma vitrine só para brilhantes, outra com trabalhos de prata e outra com trabalhos de esmalte, tudo, segundo o viajante, muito belos, além de arranjos com enorme luxo. Este estabelecimento também despertou deslumbramento no visitante. No século XIX o Rio de Janeiro foi o grande empório comercial tanto com o mundo como com as demais partes do Brasil, além de grande elo entre o Ocidente e o Oriente e o comércio ocupou papel de destaque na economia da cidade. Outra característica que convém destacar é o papel social que a atividade comercial representa, pois sem esta não existe a cidade, que é um grande espaço socializado. Rio de Janeiro, domingo, 30 de julho de 2023, às 10:20 horas.

## IMPORTANTES DATAS EM SETEMBRO

OSVALDO PEREIRA ROCHA\*

Para honra e glória do Grande Arquiteto do Universo (Deus Pai). Creio em Deus Pai, Todo Poderoso, criador do Céu e da Terra; em seu Divino Filho, Jesus Cristo, Deus Filho e em Deus Espírito Santo, que formam a Santíssima Trindade e um só Deus. E sou devoto de Nossa Senhora de Fátima.

Dia 5 de setembro é o Dia da Raça, marcado por desfiles com objetivo de enaltecer a identidade cultural brasileira e todos os imigrantes que contribuíram para a formação da raça brasileira.

Já o dia 7 de setembro de 1822 é a data da declaração, pelo então Príncipe Regente, ou D. Pedro de Alcântara, ou D. Pedro I, segundo alguns historiadores, a Independência do Brasil, mediante o célebre Grito do Ipiranga, em São Paulo, quando o nosso País deixou de ser colônia portuguesa e passou a ser independente. Com esse evento o Brasil organizou-se como Monarquia. Mas a consolidação dessa Independência demorou algum tempo, visto que algumas províncias só a aceitaram depois, como o Maranhão que aderiu à mesma em 28 de julho de 1823.

São Luís, capital do Estado do Maranhão, hoje Cidade Cultural, Patrimônio da Humanidade, foi fundada em 08 de setembro de 1612, data esta que é feriado municipal. O nome de São Luís, é homenagem a Luís IX de França.

Viva o Dia da Raça, a Independência do Brasil e a Cidade de São Luís - MA! Rogo ao Grande Arquiteto do Universo para que nos ilumine e guarde.

\*COLABORADOR, REGISTRO DRT/MA Nº 53. CIDADÃO NATURAL DE PEDREIRAS - MA E HONORÁRIO DE SÃO LUÍS - DECRETO Nº 031/2000, DE 12/12/2000, SOLENEMENTE ENTREGUE EM ABRIL DO ANO SEGUINTE.  
SITE: WWW.OSVALDOPEREIRAROCHA.COM.BR



## EQUATORIAL TELECOMUNICAÇÕES S.A.

Sociedade Anônima de Capital Fechado

CNPJ/ME nº 10.995.526/0001-02

**ATA DA REUNIÃO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO REALIZADA EM 10 DE AGOSTO DE 2023. 1. DATA, HORA E LOCAL:** Em 10 de agosto de 2023, às 17:15 horas, na sede da Equatorial Telecomunicações S.A. (“Companhia”) localizada na Alameda A, LOTE: 1-F e 1-G; QUADRA: SQR-1: 1, Quitandinha/Vinhais - MA, Cidade de São Luís, Estado do Maranhão, CEP 65070-636. **2. CONVOCAÇÃO E PRESEÇA:** Convocação realizada por correio eletrônico, nos termos do art. 25 §1º do Estatuto Social da Companhia. Presentes a totalidade dos membros do Conselho de Administração, saber: Leonardo da Silva Lucas Tavares de Lima, André Luiz Barata Pessoa, Cristiano de Lima Logrado, Maurício Alvares da Silva Velloso Ferreira, Humberto Luiz Queiroz Nogueira e Lener Silva Jayme. Todos estiveram presentes por videoconferência, em conformidade com ao artigo 25 §4º do Estatuto Social da Companhia. **3. MESA:** Presidente: Leonardo da Silva Lucas Tavares de Lima; Secretária: Maiana Cristina Bastos de Oliveira. **4. ORDEM DO DIA:** Os membros do Conselho de Administração reuniram-se para deliberar sobre a seguinte ordem do dia: (i) manifestar-se sobre os resultados operacionais e financeiros da Companhia referentes ao segundo trimestre do ano de 2023; e (ii) autorizar os diretores da Companhia a praticar todos os atos necessários para efetivar o quanto aprovado na presente reunião. **5. DELIBERAÇÕES:** Foi aberta a sessão, tendo assumido a Presidência da Mesa o Sr. Leonardo da Silva Lucas Tavares de Lima, que convidou Maiana Cristina Bastos de Oliveira para secretariar os trabalhos. Após o exame e a discussão das matérias, os membros do Conselho de Administração presentes à reunião deliberaram, por unanimidade de votos, o quanto segue: 5.1 Aprovar e apresentar os resultados operacionais e financeiros da Companhia referentes ao segundo trimestre de 2023, compreendendo o Balanço Patrimonial, a Demonstração de Resultados e as Notas Explicativas referentes ao encerramento do segundo trimestre de 2023; 5.2 Autorizar os diretores da Companhia a praticar todos os atos necessários para efetivar o quanto aprovado na presente reunião. **6. ENCERRAMENTO:** Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata, que, lida e achada conforme, foi aprovada e assinada. Certifico o registro em 01/09/2023 sob o nº 20231007744. Carlos André de Moraes Pereira, Secretário-Geral, JUCEMA.